RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 15/09/2026 | aceito: 18/09/2026 | publicação: 21/09/2026

Contação de histórias em tempos de inteligência artificial: oralidade, multiletramentos e educação

Storytelling in times of artificial intelligence: orality, multiliteracies, and education
Narración de historias en tiempos de inteligencia artificial: oralidad, multialfabetizaciones y educación

Maria Cristina Sagário – Pós-doutoranda em História Social no Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: mcsagrio@ufu.br.
Sérgio Paulo Morais – Docente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS), na linha de pesquisa em História Social, da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: sergio.paulo@ufu.br

Resumo:
Este artigo analisa a contação de histórias no contexto contemporâneo, em que novas formas de comunicação mediadas pelas tecnologias passaram a integrar o nosso cotidiano. Vivemos uma época marcada pela ampla expansão das tecnologias da comunicação e pelo crescente uso das inteligências artificiais, capazes de processar grandes volumes de dados e produzir narrativas de forma automatizada. Nesse cenário, o artigo parte do pressuposto de que a contação de histórias constitui uma prática de multiletramentos, pois ultrapassa a dimensão verbal e articula palavra, voz, gestos, entonações, silêncios, memória, escuta e interação humana na produção de sentidos. Além disso, ao entrelaçar realidade e fantasia, desperta emoções, estimula a imaginação e favorece a continuidade das práticas culturais. O estudo busca compreender como o avanço das tecnologias digitais pode repercutir nos modos de narrar, criar e compartilhar experiências entre diferentes gerações. No campo educacional, a contação de histórias, compreendida como prática de multiletramentos, constitui um importante recurso pedagógico, capaz de despertar o interesse, favorecer a aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento da criatividade, da escuta e da reflexão crítica. Assim, o artigo defende que, mesmo diante das transformações promovidas pelas inteligências artificiais, a contação de histórias permanece como uma experiência humana, cultural e educativa de grande relevância na atualidade.

Palavras-chave: Multiletramentos. Oralidade. Contação de histórias. Inteligência Artificial. Cultura.

Abstract:
This article analyzes the storytelling in the contemporary context, in which new forms of communication mediated by technologies began to integrate our daily lives. We live a time marked by the widespread expansion of communication technologies and the increasing use of artificial intelligence systems, capable of processing large volumes of data and producing narratives in an automated way. In this scenario, the article starts from the assumption that storytelling is a practice of multiliteracy, because it goes beyond the verbal dimension and articulates word, voice, gestures, intonations, silences, memory, listening and human interaction in the meaning-making. Furthermore, by intertwining reality and fantasy, it awakens emotions, stimulates imagination and favors the continuity of cultural practices. The study seeks to understand how the advancement of digital technologies can impact on the ways of narrating, creating and sharing experiences between different generations. In the educational field, the storytelling, understood as a practice of multiliteracies, constitutes an important pedagogical resource, capable of awakening interest, promoting learning and contributing to the development of creativity, listening and critical reflection. Thus, the article argues that, even in the face of the transformations promoted by artificial intelligence systems, the storytelling remains a human, cultural and educational experience of great relevance today.

Keywords: multiliteracies, orality, storytelling, artificial intelligence, culture.

Resumen:
Este artículo analiza la contación de historias en el contexto contemporáneo, en que nuevas formas de comunicación mediadas por las tecnologías pasaron a integrar nuestro cotidiano. Vivimos una época marcada por la amplia expansión de las tecnologías de la comunicación y por el creciente uso de las inteligencias artificiales, capaces de procesar grandes volúmenes de

datos y producir narrativas de forma automatizada. En ese escenario, el artículo parte del supuesto de que la contación de historias constituye una práctica de multialfabetizaciones, ya que sobrepasa la dimensión verbal y articula palabra, voz, gestos, entonaciones, silencios, memoria, escucha e interacción humana en la producción de sentidos. Además, al entrelazar realidad e imaginación, despierta emociones, estimula la imaginación y favorece la continuidad de las prácticas culturales. El estudio busca comprender como el avance de las tecnologías digitales puede repercutir en los modos de narrar, crear y compartir experiencias entre diferentes generaciones. En el campo educacional, la contación de historias, comprendida como práctica de multialfabetizaciones, constituye un importante recurso pedagógico, capaz de despertar el interés, favorecer el aprendizaje y contribuir para el desarrollo de la creatividad, de la escucha y de la reflexión crítica. Así, el artículo defiende que, incluso delante de las transformaciones promovidas por las inteligencias artificiales, la contación de historias permanece como una experiencia humana, cultural y educativa de gran relevancia en la actualidad.

Palabras clave: multialfabetizaciones. Oralidad. Contación de historias. Inteligencia Artificial. Cultura.

1 Introdução

Ao observarmos os meios de comunicação, constatamos que os dias atuais são marcados por profundas mudanças na produção do conhecimento e na circulação das informações. A expansão das novas tecnologias digitais de comunicação intensificou formas cada vez mais sofisticadas de interação com algoritmos, plataformas digitais e, mais recentemente, com as Inteligências Artificiais (IAs). Recentemente essas tecnologias passaram a desempenhar papeis cada vez mais relevante na organização da experiência humana cotidiana. E, é notável a constatação de que muitas dessas intervenções ocorrerem de maneira quase imperceptível e acabam por influenciar muitas das nossas escolhas, nossos hábitos de consumo, opiniões e comportamentos. Além disso, ao favorecerem a formação de “bolhas” informacionais, que podem interferir nas relações sociais, culturais e políticas, bem como na constituição das subjetividades e nas formas de interação entre as pessoas que agora podem acontecer também por intermédio das redes sociais.

Diante deste contexto, podemos questionar: o que acontece com a experiência narrativa e com a formação humana quando sistemas de IA passam a ter ações que antes eram tipicamente humanas, podendo produzir textos, realizar cálculos, conversar e criar histórias? Poderiam os novos meios de comunicação substituir por completo, de alguma forma, os meios tradicionais das pessoas se relacionarem e se comunicarem?

Como já indicamos, partindo desses questionamentos, este artigo propõe uma reflexão sobre as relações entre multiletramentos, oralidade e inteligências artificiais, com especial atenção ao potencial formativo da contação de histórias e à valorização da experiência humana nos processos educativos e nas interações sociais. Nessa perspectiva, é importante considerar que o desafio não reside simplesmente no avanço dessas tecnologias, mas na maneira como elas são incorporadas às práticas humanas e nos impactos que podem provocar em atividades que

envolvem aprendizagem, criação e reflexão. Nesse sentido, a UNESCO (2023) ressalta a necessidade de uma abordagem centrada no ser humano para orientar o uso da inteligência artificial generativa na educação e na pesquisa.

As mudanças atuais na maneira como nos relacionamos com as outras pessoas e com as máquinas convidam-nos a refletir sobre a necessidade e a importância de interpretar e recriar a realidade por meio de experiências vivenciadas e compartilhadas. É interessante observar que já não se faz necessária a presença física para que as pessoas se comuniquem, pois a comunicação também ocorre à distância. Com isso, a presença, que antes era um elemento central no diálogo, passou a ser concebida também através da intermediação de telas, distanciada. Contudo, a formação humana acontece principalmente nas relações sociais, na cultura, na educação, na oralidade, na escuta e no intercâmbio de experiências. Como afirmam Marx e Engels:

> Si el hombre es formado por las circunstancias, se deben formar humanamente las circunstancias. Si el hombre es sociable por naturaleza, es en la sociedad donde desarrolla su verdadera naturaleza, y la fuerza de su naturaleza debe medirse por la fuerza de la sociedad y no por la fuerza del individuo particular. (Marx; Engels, 1971, p. 153)

Portanto, se desejamos uma sociedade mais consciente, criativa e solidária, precisamos construir ações que favoreçam condições para que haja esse desenvolvimento. Nessa perspectiva, na preparação dos sujeitos para lidarem com os multiletramentos é relevante preservar espaços de diálogo, narrativas compartilhadas e construção coletiva de sentidos. Esses elementos não representam apenas a manutenção de uma tradição cultural, mas constitui uma condição importante para a formação de sujeitos capazes de intervir na realidade e modificá-la.

Por isso, compreender a diversidade de linguagens e desenvolver formas críticas e responsáveis de interação com essas tecnologias exige dos sujeitos algumas capacidades fundamentais, como estabelecer objetivos claros, analisar e contextualizar os assuntos abordados, questionar, comparar e interpretar informações, além de avaliar as intencionalidades presentes nas entrelinhas de cada discurso e nas ações. Como destaca Walter Ong, “Os seres humanos comunicam-se de inúmeras maneiras, fazendo uso de todos os seus sentidos: tato, paladar, olfato e especialmente visão, assim como audição” (1998, p. 15 – Grifo nosso).

2 Multiletramentos e formação crítica

O desafio não consiste em escolher entre o novo e o antigo, mas em estabelecer um diálogo entre ambos, reconhecendo que as tecnologias digitais podem ampliar as possibilidades de produção e circulação de sentidos, sem substituir as experiências culturais que sustentam a memória coletiva. Mesmo para obter os melhores resultados na interação com as inteligências

artificiais, é necessário que os sujeitos consigam organizar o pensamento, contextualizar indagações e avaliar criticamente a coerência e a pertinência das respostas geradas, e, essas habilidades desenvolvidas no convívio social e na cultura, por meio de leituras, músicas, poesias, escuta e diálogos cotidianos. Essas capacidades ultrapassam o mero manuseio técnico, pois fundamentam-se em múltiplos letramentos.

Nessa perspectiva, preservar espaços de diálogo, escuta e construção coletiva de sentidos constitui uma condição importante para formar sujeitos capazes de intervir na realidade, e não apenas de se adaptar a ela. A contação de histórias insere-se no campo dos multiletramentos não somente por combinar diferentes linguagens, mas também porque elas atuam conjuntamente na produção de sentidos. A voz e a entonação modulam emoções e perspectivas; o silêncio cria expectativas e abre espaço para a interpretação; os gestos e as expressões corporais materializam personagens e ações; e as reações dos ouvintes interferem no ritmo, na ênfase e, por vezes, nos caminhos assumidos pela narrativa.

Assim, o sentido não está pronto nem se encontra restrito ao texto: ele se constrói na relação entre narrador, história, performance e público. Trata-se de um processo semiótico, pois envolve diferentes signos e linguagens articulados na produção e na interpretação de sentidos. As contribuições de Santaella (1983) permitem compreender que os signos adquirem significado nas relações que estabelecem e nos processos interpretativos que desencadeiam. Essa compreensão também pode ser aplicada às interações com as inteligências artificiais, uma vez que a elaboração dos comandos e a interpretação das respostas dependem do contexto, dos objetivos e das intencionalidades dos sujeitos envolvidos.

É nesse horizonte que se destaca o conceito de multiletramentos formulado pelo Grupo Nova Londres, ao defender a ampliação da pedagogia do letramento diante da diversidade cultural, linguística e semiótica das sociedades contemporâneas:

> [...] queremos ampliar a ideia e o escopo da pedagogia do letramento para dar conta do contexto de nossas sociedades cultural e linguisticamente diversas e cada vez mais globalizadas, incluindo as culturas multifacetadas, que se inter-relacionam, e a pluralidade de textos que circulam. [...] argumentamos que a pedagogia do letramento deve levar em conta a variedade crescente de formas de texto associadas às tecnologias de informação e de multimídia. (GRUPO NOVA LONDRES, 2021, p. 102)

Aprofundada no contexto brasileiro por Rojo e Moura (2012), a perspectiva dos multiletramentos oferece um aporte valioso para analisar a contação de histórias como prática expressiva e interativa. Nela, elementos como voz, entonação, silêncio, gestualidade e escuta participam ativamente da produção de sentidos. Da mesma forma, esse referencial fundamenta a análise crítica sobre os conteúdos gerados por inteligências artificiais, demandando do leitor a habilidade de contextualizar, interpretar e avaliar reflexivamente essas produções.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 15/09/2026 | aceito: 18/09/2026 | publicação: 21/09/2026

No campo educacional, os contadores de histórias e suas narrativas podem apoiar propostas pedagógicas que fortalecem a reflexão, a criação, a escuta e o diálogo. Sob essa perspectiva, as inteligências artificiais, quando utilizadas de maneira ética e intencional, atuam como ferramentas de suporte às atividades humanas, sem substituir a capacidade crítica e criativa dos sujeitos. No entanto, cabe ressaltar que a incorporação das IAs no campo educacional exigirá dos educadores reflexão crítica, intencionalidade pedagógica e o compromisso com a preservação da autonomia dos educandos.

3 Oralidade, narrativas e experiências

Historicamente, as narrativas populares constituem práticas culturais fundamentais na produção, transmissão e ressignificação de saberes. São milenares e foram transmitidas de geração em geração, sobretudo por meio da oralidade. Mas, como as novas mediações tecnológicas alteram as formas pelas quais narramos, compartilhamos e produzimos experiências? Mais do que formas de entretenimento, configuram dispositivos simbólicos pelos quais os sujeitos interpretam a realidade, elaboram experiências e constroem sentidos sobre si mesmos e sobre o mundo. Ao mobilizarem imagens, metáforas e memórias coletivas, as narrativas podem favorecer processos formativos que articulam dimensões afetivas, éticas e culturais. Para exemplificar essa concepção, podemos recorrer à parábola do velho e do tesouro, retomada por Walter Benjamin (2012), na qual a sabedoria se transmite por meio da experiência narrada:

> [...] havia a parábola de um velho que, no leito de morte, revela a seus filhos a existência de um tesouro oculto em seus vinhedos. Bastava desenterrá-lo. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, porém, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho duro. (BENJAMIN, 2012, p. 123)

A preservação, ao longo da história, de diferentes tradições narrativas evidencia o potencial formativo das histórias. Os contos de fadas, por exemplo, apresentam trajetórias simbólicas de enfrentamento e superação; as fábulas sintetizam ensinamentos sobre valores e comportamentos humanos; as parábolas comunicam saberes por meio da interpretação e da construção de sentidos; enquanto as lendas preservam memórias coletivas e reafirmam pertencimentos culturais. Em outras palavras, as histórias possuem linguagens próprias capazes de dialogar, muitas vezes de forma subjetiva, com o inconsciente humano. Desse modo, embora apresentem características específicas, essas diferentes manifestações narrativas favorecem a comunicação ao promover a reflexão, alimentar a imaginação, fortalecer os vínculos culturais e ampliar as possibilidades de compreensão de si mesmo, do outro e do mundo que nos cerca.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 15/09/2026 | aceito: 18/09/2026 | publicação: 21/09/2026

Ao discutir a importância das diferentes formas de narrar e de preservar a memória coletiva, tornam-se significativas as reflexões de Paulo Freire e Ira Shor (1986), para quem há diferentes formas sociais de elaboração da experiência, formas próprias de elaborar e transmitir conhecimentos. Para tanto, observam que as pessoas comuns expressam suas experiências por meio de metáforas, parábolas e histórias, mantendo suas reflexões profundamente vinculadas ao cotidiano vivido.

> As pessoas comuns não fazem o mesmo tipo de abstração que fazem os acadêmicos como nós. Nossas abstrações nos afastam, cada vez mais, do concreto. Quando as pessoas comuns falam, elas procuram compreender sua experiência através de parábolas, metáforas e estórias, o que as mantém ligadas ao concreto. As estórias que contam são o modo como respondem às perguntas que fazemos. Por outro lado, contam estórias para se expressar em relação ao mundo, para dar expressão a seu próprio mundo. As metáforas e as parábolas substituem os conceitos, tal como os usamos, com a vantagem de serem profundamente concretas em comparação com a linguagem abstrata dos intelectuais. As estórias lidam com o concreto que as classes populares conhecem, isto é, conhecem de forma orgânica à sua existência. (Freire; Shor, 1986, p. 93)

Nessa perspectiva, a oralidade ultrapassa a função de transmitir conteúdos e constitui uma prática cultural por meio da qual experiências, memórias e imaginários são compartilhados entre gerações. Portanto, as metáforas, parábolas, fábulas e histórias difundidas pelas narrativas culturais e/ou folclóricas, podem favorecer experiências formativas, preservar patrimônios simbólicos, fortalecer vínculos sociais e ampliar a compreensão de um mundo diverso e dinâmico. Sua linguagem acessível também aproxima conhecimentos e pessoas pertencentes a diferentes círculos sociais.

Nesse contexto, Walter Benjamin (2012) ressalta que a narrativa tradicional preserva a sabedoria construída nas vivências humanas, enquanto Paul Zumthor observa que os sentidos da palavra oral se realizam na atuação, na presença e na interação entre quem fala e quem escuta. Para Zumthor, é impossível negar "[...] a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais" (ZUMTHOR, 1997, p. 10). Busatto (2011), por sua vez, destaca que os contadores de histórias mantiveram vivas as culturas e contribuíram para a organização social dos espaços em que atuavam:

> Ele recebeu vários nomes através dos tempos: era um rapsodo para os gregos; o griot para os africanos; o bardo para os celtas; ou simplesmente o contador de histórias, "o porta-voz da poética". Era um sujeito que se valia da narrativa oral como via para organizar o caos, perpetuar e propagar os mitos fundamentais das suas culturas. Um sujeito que mantinha vivo o pensamento do seu povo por meio da arte. (BUSATTO, 2011, p. 18, grifos da autora)

Essa linguagem simbólica é fundamental porque, ao escutar uma história, o sujeito é convidado a projetar-se nas experiências narradas e a reinterpretar conflitos, dilemas e possibilidades de ação. Ao entrelaçar imaginação, memória e ética, a contação de histórias consolida-se como experiência formativa na qual o ouvinte elabora simbolicamente as

complexidades da vida em sociedade. Essa elocução viva e sensível ajuda a explicar a longevidade das narrativas e sua importância nos processos educativos contemporâneos. No centro dessa prática milenar encontra-se o contador de histórias, sujeito que dá voz e corpo a esse patrimônio simbólico.

4 Contação de histórias em tempos de inteligências artificiais

Ainda hoje, em diferentes regiões do mundo, os contadores de histórias desempenham um papel fundamental na preservação e na transmissão dos saberes culturais. Como verdadeiras bibliotecas humanas, guardam em suas memórias as narrativas que ouviram, aquelas que vivenciaram e as experiências compartilhadas pelas comunidades às quais pertencem. Nesse processo, a narrativa oral ultrapassa a simples transmissão de fatos: ela é ato dialógico que atualiza e ressignifica saberes coletivos, compartilhados por uma sociedade.

> Os mitos tradicionais, cuja origem parece encontrar-se nos mitos primitivos, que por muitos séculos orientaram os homens na sua busca de conhecimento do cosmo e de si mesmos, não são obra de um só autor. Resultam da produção coletiva de um povo que os cria a partir das representações do seu imaginário coletivo e, ao mesmo tempo, encontra neles o alimento para nutrir esse mesmo imaginário. (Matos; Sorsy, 2009, p. 21)

Essa relação entre memória, experiência e criação coletiva permite compreender que o contador de histórias não atua como um simples transmissor de informações. Sua narrativa carrega marcas culturais, afetivas e históricas que adquirem novos sentidos a cada encontro com o público. Diante disso, cabe indagar quais permanências, transformações e desafios atravessam o trabalho dos contadores de histórias em uma época na qual sistemas de inteligência artificial também são capazes de produzir narrativas.

A expansão das inteligências artificiais generativas introduz uma nova mediação na produção e na circulação de narrativas. Sistemas computacionais podem organizar informações e gerar textos coerentes em grande escala, mas essa capacidade técnica não equivale, por si só, ao intercâmbio de experiências. Portanto, o aspecto decisivo é compreender como essas mediações alteram as formas pelas quais narramos, compartilhamos e produzimos experiências.

Para Benjamin, a narrativa tradicional nasce essencialmente da experiência vivida e compartilhada. A exemplo do artesão que molda sua obra, o narrador imprime nos relatos as marcas de sua trajetória, imaginação e sensibilidade. O autor observa que essas narrativas estiveram historicamente vinculadas às formas de trabalho e à vida social, tecidas no convívio cotidiano de camponeses, pescadores, viajantes e trabalhadores urbanos. Ele diagnostica, contudo, o enfraquecimento dessa faculdade de narrar em um contexto histórico marcado pelo progressivo empobrecimento da própria transmissão da experiência:

> A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão — no campo, no mar e na cidade —, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação [...] Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 2012, p. 221)

Entretanto, ao analisar as transformações ocorridas nas formas de viver e de se relacionar na sociedade moderna, Benjamin identificou um enfraquecimento da experiência compartilhada e, consequentemente, da capacidade humana de narrar. Para o autor, as mudanças sociais não afetaram apenas a maneira como as pessoas se comunicam, mas também a disposição para contar, ouvir e intercambiar experiências:

> São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se faz ouvir num círculo o desejo de que seja narrada uma história qualquer, transparecem, com frequência cada vez maior, a hesitação e o embaraço. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (Idem, p. 213)

Nesse contexto, ao considerarmos o intercâmbio de experiências, é necessário distinguir a produção de histórias por sistemas de inteligência artificial da experiência narrativa proporcionada pela oralidade. Enquanto os conteúdos gerados por IA resultam do processamento de grandes volumes de dados e do reconhecimento de padrões linguísticos, a narrativa oral ocorre em uma situação social concreta, na qual narrador e ouvintes interagem e constroem sentidos com base em suas memórias, expectativas e referências culturais. A diferença, portanto, não se limita à origem humana ou computacional do texto, mas abrange as condições de sua produção, circulação e recepção, bem como as formas pelas quais as pessoas se relacionam com as histórias e compartilham experiências por meio delas.

5 Contação de histórias como prática pedagógica de comunicação e resistência

Por outro lado, o caráter de resistência da contação de histórias também se manifesta na preservação da memória cultural e no fortalecimento da autonomia crítica dos sujeitos. Em um contexto no qual os sistemas de inteligência artificial são constituídos a partir de grandes conjuntos de dados, nem sempre representativos da diversidade social, a oralidade contribui para manter vivos saberes ancestrais, mitos regionais e narrativas vinculadas às experiências das comunidades. Ao participarem ativamente da criação, da transmissão e da ressignificação dessas histórias, os sujeitos deixam de ocupar o lugar de simples receptores de conteúdos automatizados e assumem uma posição autoral. Dessa maneira, a prática narrativa estimula a imaginação, a reflexão e o diálogo, reafirmando-se como um espaço singular de elaboração coletiva da experiência humana e de valorização da diversidade cultural. Assim, a contação de histórias emerge como uma vigorosa prática de resistência cultural, subjetiva e pedagógica na atualidade.

Por sua vez, o contato com histórias produzidas por inteligências artificiais exige outras capacidades, como compreender o funcionamento dessas tecnologias, contextualizar as informações apresentadas e avaliar criticamente os conteúdos gerados. Conforme orienta a UNESCO (2024), a incorporação dessas ferramentas à educação requer supervisão humana, reflexão crítica e atenção às suas implicações éticas e sociais. A questão pedagógica consiste, portanto, em compreender sob quais condições essa mediação tecnológica pode ampliar as possibilidades expressivas sem reduzir a narrativa a um produto automatizado nem enfraquecer os espaços de escuta, diálogo e elaboração coletiva da experiência.

A distinção entre produção automatizada de textos e experiência narrativa compartilhada possui consequências pedagógicas. Em um contexto educacional atravessado pela velocidade, pela produtividade e pela automação, a contação de histórias pode constituir uma prática de resistência à redução da experiência educativa à transmissão rápida de informações. Sua contribuição não decorre de uma recusa às tecnologias, mas da criação de tempos e espaços para escutar, interpretar, imaginar e elaborar sentidos coletivamente.

Como prática de multiletramentos, a contação mobiliza recursos verbais, sonoros e corporais em uma situação concreta de interação. O professor ou contador pode alterar o ritmo, a entonação e as pausas conforme as reações dos ouvintes; estes, por sua vez, participam por meio do olhar, do silêncio, das perguntas, das lembranças e das interpretações que compartilham. Essa reciprocidade favorece uma participação que não se limita ao consumo de informações prontas.

No trabalho pedagógico, as histórias podem aproximar conceitos e experiências cotidianas, colocar diferentes repertórios culturais em diálogo e estimular a leitura crítica de versões, perspectivas e silêncios presentes nas narrativas. Também podem ser articuladas às tecnologias digitais e às IAs: estudantes podem comparar recontos, examinar escolhas linguísticas, identificar estereótipos, questionar fontes e recriar histórias em diferentes linguagens. Nesses usos, a tecnologia integra uma prática orientada pelo educador, sem ocupar o lugar da interpretação e da decisão dos sujeitos.

A contação também contribui para a circulação de memórias coletivas e identidades culturais. Ao possibilitar que os sujeitos contem, escutem e reelaborem histórias, cria condições para reconhecer experiências diversas e construir sentidos sobre si e sobre o mundo. A reflexão de Paul Ricoeur (2014) acerca da identidade narrativa ajuda a compreender que as histórias participam dos modos pelos quais os sujeitos interpretam suas trajetórias. Assim, a prática pedagógica da contação reúne formação crítica, expressão cultural e convivência, preservando a dimensão relacional da educação em meio às novas mediações tecnológicas.

6 Considerações finais

As tecnologias digitais e as inteligências artificiais podem ampliar significativamente as possibilidades de pesquisa, criação e produção textual. Contudo, sua incorporação ao campo educacional exige intencionalidade pedagógica, reflexão crítica e respeito à autonomia dos sujeitos. Não se trata de rejeitar os avanços tecnológicos, mas de integrá-los a práticas que preservem a presença, a diversidade cultural e os vínculos humanos. Nesse horizonte, a contação de histórias reafirma sua relevância ao favorecer a escuta, estimular a imaginação e manter vivas as memórias compartilhadas. Assim, mais do que adaptar a educação às novas tecnologias, é necessário colocá-las a serviço de uma formação verdadeiramente humana.

Ao ultrapassar a dimensão estritamente verbal, a contação de histórias pode ser compreendida como uma prática de multiletramentos, pois reúne diferentes formas de expressão, valoriza a oralidade e favorece a construção compartilhada de sentidos. Dessa maneira, contribui para a formação de sujeitos capazes de interpretar, produzir e ressignificar narrativas de modo crítico.

Nesse processo, as histórias não são apenas recebidas: são escutadas, interpretadas e reelaboradas, tornando a experiência narrativa um espaço de formação humana, e não uma simples transmissão de informações. Essa capacidade de assumir diferentes formas e dialogar com variados contextos culturais ajuda a explicar por que a contação de histórias atravessa gerações e permanece viva, mesmo diante das transformações sociais ocorridas ao longo da história humana.

Referências

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 123-128. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240. (Obras escolhidas, v. 1).

BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção Educação e Comunicação, v. 18).

GRUPO NOVA LONDRES. Uma pedagogia dos multiletramentos: projetando futuros sociais. Tradução de Deise Nancy de Morais, Gabriela Claudino Grande, Rafaela Salemme Bolsarin Biazotti e Roziane Keila Grando. Linguagem em Foco, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 101-145, 2021. Disponível em:

https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578/4503. Acesso em: 30 jul. 2026

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. La sagrada familia: o crítica de la crítica crítica contra Bruno Bauer y consortes. Prólogo de Franz Mehring. Tradução de Carlos Liacho. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1971.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

ONG, Walter J. Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

RICOEUR, Paul. O si-mesmo como outro. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

UNESCO. Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa. Tradução de Teresa Margarida Loureiro Cardoso e Viviane Cristina Marques. Paris: UNESCO, 2024. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000390241. Acesso em: 10 set. 2026.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.